

TEORIA FEMINISTA E DOMINAÇÃO MASCULINA: ASPECTOS DE CONTINUIDADE E SEUS EFEITOS PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Maria Zilka Farias de Mendonça

Resumo

O seguinte trabalho tem como foco principal explicar de que forma a cultura da dominação masculina tem permeado as relações sociais e, por consequência, as Relações Internacionais (RI). A partir disso, mostra-se como a violência contra a mulher, a mídia e o patriarcalismo perpetuam e legitimam essas relações desiguais. Tenta-se explicar as ideias de poder e dominação do homem sobre a mulher e suas repercussões no cenário atual. Finalmente, o artigo retrata a importância do movimento feminista para a quebra dessa cultura patriarcal, mostrando a importância dessa nova teoria para as Relações Internacionais.

Palavras-chave: Dominação masculina; feminismo; Relações Internacionais.

Abstract

The following work is mainly focused on explaining how - through the centuries - the culture of male domination has permeated social relations and, consequently, International Relations (IR). From this, it shows how violence against women, the media and patriarchy perpetuate and legitimize these unequal relations. It tries to explain the ideas of power and domination of men over women and their repercussions in the present scenario. Finally, the article shows the importance of the feminist movement to break this patriarchal culture, showing the importance of this new theory for International Relations.

Keywords: Male domination; feminism; International Relations.

Introdução

O presente artigo tem como foco principal demonstrar o quanto a dominação masculina afetou – e ainda afeta – a visão da sociedade sobre a mulher e como isso é percebido nas Relações Internacionais (RI). A partir disso, como a mídia controla a visão da mulher para a perpetuação dessa cultura patriarcal.

Desde o início dos séculos, a história é – e continua sendo - contada a partir do homem, explicando sua vida em sociedade. Afinal, ela foi feita pelos homens e para eles. É extremamente raro contar-se histórias sobre mulheres, e pelas mulheres. Isso porque a vida histórica da sociedade retrata, em sua maioria, homens livres e brancos. A mulher deveria participar da esfera privada da vida, cuidando de sua casa e família.

Claramente, uma das principais características da cultura é que ela permanece através das gerações e, certas vezes, suas mudanças são irrisórias. Dessa forma, a cultura da dominação masculina – presente tanto no ocidente como no oriente – parte da ideia patriarcal, em que o homem é *produtor*, enquanto a mulher é *reprodutora*. Com isso, a religião acaba por reforçar esse pensamento que o homem é *superior* em relação à mulher e que até mesmo a ciência corroborou por tantos anos.

A partir dessa dominação cultural masculina, as mulheres acabaram por não terem seus direitos atendidos. Com o movimento feminista do século XX, “as integrantes do movimento reclamavam uma história onde houvesse heroínas, demonstrando a atuação das mulheres na sociedade. Lutavam também para que a opressão que as sufocava fosse denunciada pela história” (MARTINS, 2008, p. 4). Nas RI, essas discussões ainda precisam de maior apoio da sociedade científica para reconhecer as mulheres e suas lutas no cenário internacional.

1. Igreja e a representação da mulher

Sabe-se que a dominação masculina é algo que perpassa culturas, gerações, religiões, espaços geográficos. A própria história tem sido feita pelo homem e para o homem, sendo a mulher apenas coadjuvante desse mundo coordenado e controlado pelos homens. Dessa forma, não seria possível descrever, desde os primórdios, toda a ideia de dominação masculina. Contudo, é possível recortar algumas áreas de maior atuação dessa cultura.

Em primeiro lugar, um dos motivos maiores para a apropriação – e repercussão – desse tipo de cultura vem da religião. A igreja desde o início é palco para tal demonstração de superioridade masculina sobre a feminina. A Igreja Católica Romana, por exemplo, revela em seus ensinamentos dois tipos (principais) de mulher: Eva e Maria. A primeira, criada *após* o homem com o intuito principal de completá-lo - "O homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem" (I Coríntios 11:9); "Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos morremos" (Eclesiástico 25:33) – é quem comete o maior pecado da humanidade ao comer o fruto proibido – e ainda convence Adão a comê-lo também -, desobedecendo a Deus e, dessa forma, recebendo o castigo de tornar-se mortal e ser expulsa do paraíso - "Multiplicarei grandemente os teus sofrimentos e a tua gravidez; darás à luz teus filhos entre dores; contudo, sentir-te-ás atraída para o teu marido, e ele te dominará" (Gênesis 3:16). A segunda retrata a ideia da mulher santa, casta (virgem) e mãe. Maria é vista como modelo a ser seguido e como uma mulher livre de pecado. Vê-se, dessa maneira, os dois tipos de mulher (a santa e a pecadora) retratados pela Igreja Católica. Isso significa dizer que, dentro da visão religiosa, a mulher deve estar em uma dessas duas categorias.

Tratando especificamente da Idade Média, “essa Idade Média é resolutamente masculina. Pois todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade de seu sexo. Só as vozes deles chegaram a mim” (DUBY, 1989, p. 6).

A mulher é tratada como ser *reprodutor*, enquanto o homem é visto com o *produtor*. Ele trabalha, vive em sociedade, participa ativamente das decisões sociais, enquanto o trabalho da mulher é reproduzir e cuidar dos filhos. Questões de sucessão, dote, eram tratados pelos homens e para os homens. As mulheres sempre eram tratadas como seres inferiores, que deveriam ser submissas. Uma mulher realmente virtuosa deveria ter como principais características a obediência e submissão. Novamente, a mulher continua confinada na casa de seus pais e, posteriormente, confinada na casa de seu marido.

2. Mulheres no Brasil

Ilustrando como a mulher é vista e tratada no decorrer dos séculos, apenas em 1827, surge a primeira lei sobre educação das mulheres, permitindo que frequentassem as escolas

elementares. Apenas no final do século XIX a mulher tem autorização do governo para frequentar instituições de ensino superior; lembrando que, as que realmente frequentaram, eram mal vistas pela sociedade e pela própria Academia.

No ano de 1932 é que, durante o governo de Getúlio Vargas, o voto é concedido às mulheres. E, finalmente, em 1962, o Estatuto da mulher casada é sancionado no Brasil, garantindo o direito às mulheres de trabalhar, receber heranças e requerer a guarda dos filhos sem mais a necessidade da autorização de seus maridos.

A violência contra a mulher é um fenômeno universal que atinge, indistintamente, todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas; a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher estabelece por violência “todo ato baseado no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na privada”.¹

Anualmente no Brasil, mais de 100 mil mulheres procuram atendimento no SUS (*Sistema Único de Saúde*) vítimas da violência doméstica. A maioria delas são agredidas pelo companheiro ou ex-companheiro. De acordo com novos dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada três mulheres é vítima de violência conjugal. Como bem explica a psicóloga Gisela Castanho “Mulheres que possuem um histórico de violência estão mais propensas a entrar ou permanecer em relacionamentos violentos (...) é evidente um padrão inconsciente de complacência que se estabelece em torno do abuso” (CASTANHO, Gisela, 2010, p. 3). Além disso:

A transmissão inconsciente da complacência com o abuso não é só transmitida pela mãe, mas da mesma forma, por toda a família (...) um estudo da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2005) realizado em 10 países, com 24.000 mulheres desafia a percepção que o lar é um refúgio seguro para as mulheres mostrando que elas estão em maior risco de experimentar violência nas relações íntimas do que em qualquer outro lugar. De acordo com a pesquisa é particularmente difícil de responder efetivamente a essa violência porque muitas mulheres a ela submetidas a consideram “normal”. (Ibid., p. 6).

Na cultura da dominação masculina, o estupro – por exemplo – é palco de grandes discussões em relação ao tratamento dado às mulheres após serem violentadas. Na sociedade patriarcal, o estupro é visto como algo que a mulher deve *evitar* que aconteça, pois o homem – apesar de dotado de razão e inteligência –, nas questões sexuais, de alguma

¹ Informação disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/belem.htm>. Acesso em 14 dez 2015.

forma, não consegue se controlar. Casos de abuso sexual muitas vezes não são devidamente acompanhados ou não recebem a devida atenção. Existe um termo chamado *culpabilização da vítima*, onde a vítima, ao invés de receber o apoio e suporte necessário, é culpada pelo que acontece, como se ela – inconscientemente - quisesse ou, de certa forma, pedisse por isso. Questões como estado civil, as roupas que a vítima estava usando quando foi violentada e se ela usava maquiagem são as perguntas mais frequentes feitas pelos devidos responsáveis do caso², demonstrando o quanto as próprias autoridades questionam a veracidade da vítima e se, de alguma forma – por parte dela – isso poderia ter sido evitado, mesmo sabendo-se que o estupro é uma questão de poder e dominação, e não uma questão meramente sexual. Afinal, não é coincidência que a grande maioria dos estupradores são homens (que estupram mulheres).

Dessa forma, o homem possui todo um aparato social que, de certa forma, *promove* essa dominação e a mulher acaba tornando-se alvo desses problemas que, em sua grande maioria, são de gênero, como: assédio, estupro e violências em geral. A partir do momento que a sociedade constrói a ideia do feminino como fraco, carente e/ou submisso, a dominação torna-se muito mais fácil e até mesmo *aceitável*.

De acordo com o Mapa da Violência de 2012, sobre homicídios de mulheres no Brasil, é claro perceber o quanto o índice quase duplica entre os anos 1980 e 2010:

Tabela 1: Número e taxas (em 100 mil mulheres) de homicídios femininos. Brasil. 1980/2010.

² Policiais, detetives. Órgãos e profissionais responsáveis pelo caso.

Ano	Nº	Taxas
1980	1.353	2,3
1981	1.487	2,4
1982	1.497	2,4
1983	1.700	2,7
1984	1.736	2,7
1985	1.766	2,7
1986	1.799	2,7
1987	1.935	2,8
1988	2.025	2,9
1989	2.344	3,3
1990	2.585	3,5
1991	2.727	3,7
1992	2.399	3,2
1993	2.622	3,4
1994	2.838	3,6
1995	3.325	4,2
1996	3.682	4,6
1997	3.587	4,4

Ano	Nº	Taxas
1998	3.503	4,3
1999	3.536	4,3
2000	3.743	4,3
2001	3.851	4,4
2002	3.867	4,4
2003	3.937	4,4
2004	3.830	4,2
2005	3.884	4,2
2006	4.022	4,2
2007	3.772	3,9
2008	4.023	4,2
2009	4.260	4,4
2010	4.465	4,6
1980/2010	92.100	
2000/2010	43.654	
Δ% 1980/2010	230,0	

Fonte: SIM/SVSMS

Fonte: WAISELFISZ, 2012, p.08

Além disso, em 2009, o país ficou em 7º lugar na taxa de homicídio feminino, entre 84 países do mundo. Vide abaixo os 10 primeiros:

Tabela 2: Taxas de homicídios feminino (em 100 mil mulheres), em 10 países do mundo.

País	Ano	Taxa	Pos
El Salvador	2008	10,3	1º
Trinidad e Tobago	2006	7,9	2º
Guatemala	2008	7,9	3º
Rússia	2009	7,1	4º
Colômbia	2007	6,2	5º
Belize	2008	4,6	6º
Brasil	2009	4,4	7º
Casaquistão	2009	4,3	8º
Guiana	2006	4,3	9º
Moldávia	2010	4,1	10º

Fonte: WAISELFISZ, 2012, p.09

3. Femicídio e Misoginia

Esse título refere a problemas sociais que afetam – única e exclusivamente – mulheres, exatamente pela questão do gênero. O *femicídio* refere-se aos homicídios que ocorrem às mulheres, pela questão do gênero; enquanto a *misoginia* – podendo ser diretamente ligado ao femicídio – é a repulsão ou ódio ao gênero feminino.

Ilustrando a forma como esses dois conceitos podem impactar – de maneira catastrófica - a mulher, tem-se o famoso caso do Massacre da Escola Politécnica do Canadá. Em 1989, um homem chamado Marc Lépine entrou na Faculdade Canadense de Montreal e matou 14 estudantes do sexo feminino, ferindo o total de 28 pessoas antes de cometer suicídio, sendo o maior massacre realizado em uma instituição educacional registrado em território canadense. Sendo abusado psicologicamente pelo pai alcólatra e com uma mãe submissa, Marc acreditava que o papel das mulheres deveria ser apenas o de servir aos homens. Com isso, Lépine entrou na Universidade e, após separar os homens e mulheres de cada sala por onde passou, atirou apenas contra as mulheres. Em 6 de dezembro de 1991, o Canadá designou o “Dia Nacional de Memória e Ação Contra a Violência Contra as Mulheres”.

Em sua carta de suicídio, Lépine escreve claramente seu ódio contra as mulheres:

Você nota que, se eu cometer suicídio hoje 06-12-89 não é por razões econômicas (...) mas por razões políticas. Porque eu decidi matar as feministas, que sempre arruinaram minha vida. Durante sete anos de vida não tenho nenhuma alegria e sou totalmente blasé, eu decidi pôr um fim aos viragos (...) as feministas sempre me enfureceram (...) elas são tão oportunistas.³

Para Weber, há três tipos de dominação: a legal, tradicional e a carismática. Para o interesse do presente artigo, analisaremos a tradicional. Ela é baseada na tradição e na crença da legitimidade dos costumes. Sua forma mais pura é a patriarcal (estamental), onde a crença e o conhecimento antigos são os elementos mais importantes. Dessa forma, há uma clara relação de fidelidade para com a tradição, que é vista como sagrada. Consequentemente, é possível explicar a perpetuação da dominação masculina. (COHN, Gabriel, 2003, p. 128)

Foucault fala claramente sobre as relações de poder e explica que *não há sociedade sem relações de poder*. O filósofo tenta descrever o poder não apenas como algo negativo, coercitivo, que aprisiona, mas como ele também produz discurso e, mais importante, induz ao prazer. (MAIA, 1995, p. 86). Prazer esse que, na dominação masculina, é completamente explorado na ideia de que mulheres são seres sexuais que devem ser protegidas dos homens, que são incapazes de se conter mediante o prazer sexual. Quando o tema é sexo, a explicação da nossa cultura é que homens são primitivos, como animais, e não conseguem

³ Informações disponíveis em: <<http://pasdemasque.blogspot.com.br/2011/04/marc-lepine.html>> Acesso em 14 dez de 2015.

se controlar. A partir dessa ideia, cria-se a *culpabilização da vítima*, onde a mulher provoca – da maneira que for – e instiga esse homem a reagir animallescamente (principalmente em relação ao estupro).

Esse poder, na visão de Foucault não pode existir sem liberdade ou potencial de revolta, o que se encaixa claramente com o movimento feminista, onde as mulheres lutaram e conseguiram ter seus direitos atendidos - mesmo que em partes – apesar do poder masculino ainda fortemente presente na sociedade atual.

Já para Bordieu, a dominação de gênero é o centro da economia das trocas simbólicas, onde o corpo passa a ser objeto de troca e desejo, corporificando, assim, as relações de poder. O sexo, então, passa a definir quem será dominador ou dominado. O corpo é a materialização da dominação e, por consequência, o exercício do poder.

4. Feminismo como Teoria das Relações Internacionais

Como visto desde o início deste trabalho, a dominação masculina faz com que o conceito de identidade seja restrito e engessado dentro da hierarquia patriarcal de gênero. Segundo Cynthia Enloe, o gênero se refere a significados socialmente construídos (não biologicamente produzidos) onde ambos homens e mulheres devem se identificar com masculinidade e feminilidade. Gênero, portanto, é sempre uma questão de identidade entre o masculino e o feminino e a relação entre eles.

Na metade do século XXI, as RI se deparam com alguns paradigmas que precisam ser reestudados e, conseqüentemente, reestruturados dentro de seu estudo científico. Um deles é a questão da mulher como participante – ativa – da sociedade. As Relações Internacionais, dessa forma, precisam reinventar alguns conceitos que, antes predominantemente masculinos e patriarcais, possam inserir a mulher no estudo das RI.

Por ser um movimento social de mulheres e para mulheres, o feminismo acaba tornando-se um movimento político, onde questões como voto, participação da mulher no mercado de trabalho e liberdade de expressão – para mencionar alguns - tomam novos rumos para o gênero que antes era apenas visto como inferior⁴. Com essas conquistas

⁴ Volta-se aqui à ideia da mulher apenas como reprodutora e cuidadora do lar. Para muitos, o trabalho doméstico é considerado inferior ao trabalho masculino, que seria fora da casa, no mercado de trabalho, recebendo um salário.

feministas no cenário internacional, as políticas se tornam cada vez menos masculinizantes (ou pelo menos, luta-se por esse objetivo). Isso significa dizer que a participação de um gênero que antes não era considerado na política internacional, agora deve ser levado em conta e estudado de tal forma que novas teorias devam ser desenvolvidas para que temas como direitos humanos, segurança, poder e soberania possam ter novos significados. Afinal, uma teoria puramente masculina em relação a qualquer questão será completamente distinta de uma teoria construída por ambos os sexos. Tudo isso afeta diretamente as tomadas de decisão em RI.

Dessa forma, o feminismo como teoria das RI é essencial para provar como as várias formas de poder público e privado são usados para legitimar, controlar e perpetuar essas noções de gênero. Nas palavras de Enloe, “se não nos interessarmos seriamente pelas condições de vida das mulheres, estamos susceptíveis a analisar a dinâmica internacional de poder na melhor das hipóteses, incompleta, e na pior das hipóteses, com defeito”. (ENLOE, 2005, p. 102).

Autoras como Cynthia Enloe e J. Ann Tickner conseguem fazer uma ligação direta entre feminismo e a ciência política. Enloe acredita que o feminismo coloca as mulheres – e suas questões – como centro das discussões internacionais. Para Tickner, “hierarquias de gênero têm contribuído para a perpetuação de inseguranças globais”. (TICKNER, J. Ann, 1992, p. 2). Em seu livro *“Gender in International Relations”*, J. Ann explica que mesmo na esfera pública, como no congresso, as mulheres geralmente são levadas a trabalhar em áreas que seriam de sua *expertise*, como educação. “Força, poder, autonomia, independência e racionalidade são características tipicamente associadas ao homem e à masculinidade e que são valiosas para nós, a quem confiamos nossa política externa e defesa do interesse nacional”. (TICKNER, 1992, p. 2).

Por serem consideradas frágeis e sensíveis em comparação ao homem, as mulheres, então, possuem menos confiança no que tange questões como guerras, política externa, defesa nacional, entre outros. Isso porque a força está no presidente, e este mesmo presidente, em sua grande maioria, é homem. Dessa forma, a figura de força fica na mente da sociedade como pertencente – quase que exclusivamente – ao gênero masculino.

5. Mídia e imagem da mulher

Além de todo o aparato social que temos em relação à imagem da mulher, uma das maiores precursoras dessa cultura de dominação é a mídia. Seja em revistas, jornais, anúncios ou filmes, a imagem da mulher é, geralmente, estereotipada como mãe⁵ ou *femme fatale*⁶.

Primeiramente, temos a ideia visual da mulher americana como protótipo de beleza. Então, questões como silhueta, maquiagem, vestimentas e entre outras questões, possuem regras sociais sobre o que é permitido ou não, belo ou não⁷. As mulheres são tratadas como objetos ou como símbolos e, por isso, precisam estar sempre belas e magras, acompanhando a moda internacional. De acordo com Jean-Charles Zozzoli (2005), mais de três quartos das capas de revistas dirigidas a mulheres têm um título que se refere à melhor maneira de mudar a aparência física. Nelas são apresentadas dez vezes mais matérias e anúncios publicitários sobre essa temática do que em revistas equivalentes cujos leitores, predominantemente, são homens (SANTOS, 2008, p. 2).

Desse modo, as mulheres se sentem feias quando comparam o seu corpo ao das profissionais da mídia sem terem a consciência de que almejam algo impossível de ser atingido: uma beleza virtual, um corpo fantasmático. Isso desconstrói a ideia de “imagens perfeitas” que é veiculada nas revistas dirigidas a mulheres (SANTOS, 2008, p. 06).

Dessa forma, a mulher passa a “aceitar estereótipos patriarcais de si mesma; a encarar-se – seu corpo, sua sexualidade, o intelecto, as emoções, a própria condição de mulher – com os olhos masculinos” (CAPRA, 1988).

Além de toda a persuasão midiática por trás dessas questões, temos até mesmo o modelo de *personalidade* e reações das mulheres no cinema a ser seguido. A chamada comédia romântica⁸ tem como personagens principais o *mocinho* e a *mocinha*. Enquanto o personagem masculino é altamente viril, certo de si, simpático e desenrolado perante os problemas do enredo, a moça é geralmente inconsciente de sua beleza, tímida, sente-se deslocada e possui baixa autoestima. Com essas maneiras de ser das mulheres na mídia, a

⁵ Aqui volta-se à ideia da igreja onde há dois tipos de mulheres: Eva e Maria; a pecadora e a santa;

⁶ *Femme fatale* (mulher fatal) é um termo utilizado para referir-se à vilãs ou anti-heroínas na literatura ou no cinema, onde a mulher faz uso de sua sensualidade para seduzir e enganar o herói e, conseqüentemente, conseguir o que quer.

⁷ Estereótipo este não apenas crucial nas questões de estilo e moda, mas nas próprias formas físicas da mulher.

⁸ Gênero cinematográfico de filmes românticos, que tem como enredo um homem e uma mulher que se conhecem, mas por problemas externos, não podem ficar juntos. Após várias cenas cômicas, os personagens percebem que são *perfeitos* para si e ficam juntos no final.

representação da mulher vai sendo formada de acordo com essas ideias inatingíveis e muitas vezes, danosas. A mulher vai, então, buscar formas e caminhos para seguir esses estereótipos e se enquadrar nesse padrão.

6. Conclusão

A partir de toda a análise construída sobre a imagem da mulher na sociedade patriarcal, é possível afirmar – sem dúvida – os preceitos e preconceitos existentes entre os gêneros. A imagem da mulher, apesar dos séculos, - sempre rotulada como Eva ou Maria - e os papéis separadores dos gêneros ainda existem por todo o globo. Além disso, é importante mencionar a própria divisão de trabalho, que é muito mais uma divisão *sexual* de trabalho - onde há atividades específicas para homens e para mulheres - do que uma divisão de tarefas propriamente dita.

Com o surgimento do movimento feminista – principalmente como Teoria das Relações Internacionais - a mulher passa a ter uma maior e nova participação no cenário social internacional, trazendo assim uma mudança na antiga ordem social. “Quando muitas dessas diferenças entre homens e mulheres não forem mais aceitas como naturais ou imutáveis, poderemos examinar como as relações de desigualdade entre os gêneros são construídas e mantidas tanto na vida pública quanto na privada” (TICKNER, 1992, p. 4).

Nos últimos trinta anos, assistimos à crescente participação de mulheres no trabalho remunerado e no orçamento familiar, junto com uma aceitação social da atividade sexual feminina não-reprodutiva e fora do casamento. A representação ideológica destas mudanças em termos positivos, na celebração da “nova mulher” que deve trabalhar fora para ser “independente”, controlar sua fecundidade e ser ativa sexualmente, indica que estamos perante uma “transição de gênero” (DANTAS-BERGER, S. e GIFFIN, K., 2005, p. 7).

Com isso, a partir do momento em que a própria mulher consegue se enxergar fora desse padrão patriarcal de como deve se comportar, se vestir, pensar e sentir, há uma ruptura desses preceitos culturais, impostos pela dominação masculina. Cultura esta, na qual a submissão da mulher e sua inferioridade – em todos os aspectos sociais, menos maternal – são taxadas como normais ou instintivas. Com essas mudanças e quebra de paradigmas, as RI tomam novos rumos.

7. Referências Bibliográficas

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução da CNBB. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: CNBB, 2002, p. 11, 752 e 1334.

BURCHILL, Scott et al. **Theories of International Relations**. Third edition. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005, p. 99-105.

CASTANHO, Gisela Pires. **Abuso sexual intrafamiliar e transmissão psíquica**. 17º Congresso de Psicodrama, 2010.

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1995.

COHEN, Gabriel. **Weber Sociologia**. São Paulo: Ática, 2003.

DANTAS-BERGER, Sônia e GIFFIN, Karen. **A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?** Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon e FARGE, Arlette. **História das mulheres: do renascimento a idade moderna**. Coleção História das Mulheres no Ocidente, vol. 3. 1994.

DUBY, Georges. O modelo cortês. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). **História das mulheres no Ocidente: a Idade Média**. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Conexão – Comunicação e Cultura, v. 8, n. 15. Caxias do Sul. 2009.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1999.

MAIA, Antônio C. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo: São Paulo, 1995.

MARTINS, James de Souza. **Processos de exclusão e inclusão dos valores femininos na sociedade**. Paraná: Jornal Aleluia, 2008.

ONU. Tratado Internacional. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, 1994**. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/belem.htm>> Acesso em 14 dez 2015.

PASDEMASQUE - **Serial Killers, Psicopatas, Homicidas!** Disponível em: <<http://pasdemasque.blogspot.com.br/2011/04/marc-lepine.html>> Acesso em 14 dez de 2015.

SANTOS, Helena Miranda. **A Construção da Imagem “Ideal” da Mulher na Mídia Contemporânea**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, 2008.

TICKNER, J. ANN. **Gender in International Relations**. Columbia University Press, 1992, p. 2-5.

WAISELFISZ, Julio. **Mapa da Violência 2012: Homicídio de Mulheres no Brasil**. 2012, p. 8-9.

ZOZZOLI, J.-C. J. Corpos de mulheres enquanto marcas na mídia: recortes. In: **O corpo em revista**, 2005, p. 63.